

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
BORIS LEHMAN - REALIZADOR CONVIDADO  
18 de dezembro de 2023

## HOMME PORTANT / 2003

um filme de Boris Lehman

Realização e argumento: Boris Lehman / Direção de fotografia: Antoine Meert, Alexandra Dementieva, Marie André, Gilles Lechantre, Laure Pradeau, Guy Borremans / Som: Luc Rémy et Yaël André, Pierre Bertrand, Irvic d'Olivier, Henri Morelle / Montagem: Daniel De Valck, Ariane Mellet / Misturas: Antoine Guében / Música original: Matthieu Ha / Com: Luc Remy, Thomas Töde, Jonas Mekas, Françoise Brodski, Nicolas de Schuyteneer, Jesper Fabricius.

Produção: Boris Lehman / Participação: David Legrand (La galerie du Cartable) / Empresas produtoras: Dovfilm, Fondation Boris Lehman / Apoio: Centre de Cinéma du Ministère de la Communauté française de Belgique et des Télédistributeurs wallons, Ecole Nationale des Beaux Arts de Bourges, Direction des Affaires culturelles (Centre) / Cópia: 16mm (Fuji), cor, falado em francês com legendas embutidas em inglês e legendada eletronicamente em português / Duração: 65 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

**NOTA:** por questões de preservação haverá uma breve interrupção de cerca de trinta segundos a meio da projeção, entre o final da primeira bobine e o início da segunda.

*A sessão contará com a presença do realizador Boris Lehman.*

---

A obra de Boris Lehman é dada às literalidades. Se dúvidas restassem, Lehman é o realizador que além de fazer do cinema a sua vida – como todos aqueles que se dedicam profissionalmente à profissão de realizador – fez da vida o seu cinema. “Filmar” e “viver” são um ato contínuo na prática cinematográfica do cineasta belga que, a partir do início dos anos 1980 transformou as suas vivências numa forma de cinema. A sua câmara transforma-se em ferramenta de autorrepresentação, mas, mais que isso, em catalisador. A câmara é desculpa para interagir, é motivação para conhecer, é razão para fazer. E, mesmo quando encenado, aquilo que se passa diante da objetiva torna-se real, porque vivido. Lehman anda há décadas a explorar as possibilidades deste labirinto de espelhos onde vida e representação se fundem e confundem. Filmar-se é um projeto de vida – literalmente.

Mas em **Hommer portant** as literalidades são levadas ao limite da *mise en abyme*. Talvez **Homme portant** seja o filme, da sua extensa filmografia, que melhor conduz essa vontade de literalidade (de repúdio absoluto pelo simbólico) ao beco sem saída dos trocadilhos feitos jogos de cinema. As brincadeiras com palavras e as suas polissemias são uma recorrência do cinema de Lehman, mas neste pequeno filme – precisamente pela sua dimensão sucinta e estrutura unívoca – tudo se organiza em torno do verbo “porter”, que em português se pode traduzir, na maioria dos casos, por “carregar” (ainda que a tradução direta fosse “portar”, de “trans-portar”). “Homme portant” será então “o homem que carrega” ou, simplesmente, “o portador”. Depressa se perceberá que o *carregamento* a que o título do filme se refere é múltiplo. O primeiro plano de **Homme portant** apresenta, justamente, Lehman, de microfone em punho, iterando diferentes aplicações do verbo: “Porter... un enfant, son corps, un fardeau, le monde, un sac, une valise, sa croix, son arme, son âge, sa peine, son poids, ses fruits, ses lunettes, son costume, ses provisions, une barbe, des cornes, une bague, de l’argent, son nom, ses responsabilités, sa ... est-ce que je porte chance”.

Se se podem *carregar* muitas coisas distintas, do material ao imaterial, em **Homme portant** Boris Lehman começa por carregar o seu cinema, o que, no seu caso, corresponde a carregar-se a si mesmo. Assim, um dos primeiros *gags* acontece quando o realizador levanta, com visível esforço, os mais de dez rolos de película que compõem o seu “filme mais pesado”. Sequência que é seguida por uma inversão: Lehman poisa as bobines no chão e sob para cima das latas. Agora é o filme que tem de carregar com ele. Parece um jogo infantil (que faz lembrar alguns dos *sketchs* de Luc Moullet). Um cinema de autorrepresentação que é, simultaneamente, carregado às costas pelo realizador e que o realizador cavalga sem pejo. Só que este verso-e-reverso literaliza-se com o *carregamento*. Podia ser uma metáfora sobre o “peso” do cinema, do trabalho das imagens, da moral da câmara, mas não. No cinema de Lehman não há metáforas. O peso do seu filme mais pesado é, segundo a balança, 28KG, e o peso do seu filme mais leve (em 8mm) é de apenas 330g.

Carregar implica um movimento em dois eixos, o de levantar do chão e o de atravessar o espaço. Eixos perpendiculares que expõem a natureza dúplice do gesto: um eixo autocentrado que depende apenas do indivíduo, e o eixo que coloca o indivíduo em interação com o que o rodeia. Carregar é, por isso, um verbo que esconde o próprio entendimento de Lehman sobre a prática do seu cinema – e daí que fazer um filme sobre o *carregamento* seja, necessariamente, fazer um filme sobre o (seu) cinema. Se é certo que o realizador se filma obsessivamente, e que o seu cinema se foca incessantemente na sua própria imagem, é também verdade que o rosto de Boris Lehman funciona, muitas vezes, como um placó. O seu solipsismo esconde, afinal, uma forma de acolhimento. É frequente pensar-se o cinema do realizador como um registo totalmente autocentrado, mas a verdade é que a presença do realizador só se constrói na relação com o seu entorno. Lehman é tanto ele próprio, como um reflexo do que o rodeia. *Carregar* o próprio filme, para Lehman, é carregar todos aqueles que com ele colaboram, todos aqueles que partilham a feitura do filme com o realizador (e que, pela dimensão expositiva e despida do seu olhar, assumem uma preponderância nunca invisível). Só que, e talvez isso seja o que de mais belo se encontra neste gesto cândido de *carregar*, é que o “peso” do filme é sempre o mesmo, independentemente do número de pessoas que o filme possa *carregar*. Posto doutro modo, as pessoas não pesam.

O *carregamento* dos filmes, para Lehman, adquire uma outra escala quando se sabe (o filme afirma-o sem nunca o explicitar) que o realizador – pelo menos até à data – só filmava em película (cuja materialidade celuloide corresponde a uma peso concreto – quanto maior a duração do filme, mais metros de película, maior o peso), impunha que os seus filmes só fossem apresentados na sua presença – como ainda é o caso – e, frequentemente, era o próprio que trazia, na sacola, as cópias dos filmes a exhibir. *Carregar* um filme é, pois, uma forma de o partilhar, de o levar literalmente aos espectadores (de se aproximar deles). Fazer um filme “incomportável” é impossibilitar que se possa “pegar” nele, levá-lo de baixo do braço, e apresentá-lo na sala de cinema mais próxima. Só que, e esse é o delicioso paradoxo do cinema de Lehman (e que **Homme portant** eleva ao paroxismo), a sua tendência para a completude encaminha os seus filmes para a duração da vida. Desde 1983, quando começa a fazer **Babel / Lettre à mes amis restés en Belgique**, até 2016, com **Funérailles (de l'art de mourir)** (filme onde prefigura a sua morte), o realizador encenou uma cine-auto-biografia em seis capítulos que se estende por mais de 20 horas. A distensão do seu cinema implica, necessariamente, um peso. Se viver e filmar se confundem, então a vida tem um peso: o peso da película que se vai, continuamente, filmando. A longevidade tem um peso, o da velhice e o da filmografia.

Só que, esse peso não é, mais uma vez, metafórico. O peso da filmografia de Boris Lehman é algo muito concreto, mais ainda porque o realizador, desde há várias décadas, não tem um domicílio fixo. Ao longo dos anos, Lehman foi vivendo em diferentes casas, mudando-se com enorme frequência – um dos seus filmes é exatamente sobre isso, **Mes 7 lieux** (2013). Mudar de casa é uma operação extenuante, mais ainda quando se tem de *carregar* dezenas de latas de película de uma filmografia extensa e composta por filmes extremamente longos (leia-se, pesados). Ou seja, o cinema – como o entende Lehman – é também um fardo ou uma sina, que é necessário *carregar*. Daí que uma das mais exaustivas sequências de **Homme portant** seja aquela em que, com ajuda de uns amigos, o realizador translada algumas dezenas de latas de película de uma garagem para um local próximo. O cinema pesa e carregar um filme cansa.

Se este passeio lúdico pelas possibilidades semânticas do verbo “porter” na relação com o cinema se poderia rapidamente esgotar (ainda que Lehman seja extremamente hábil a explorar as várias facetas desta polissemia – a mais divertida: *carregar* a “cruz do cinema”, na, mui literal, *via crucis* da Galileia, onde a coroa de espinhos e a cruz são substituídas pela boina e o tripé de cinema), o filme sofre, na segunda metade (na segunda bobina), uma viragem que o abre a outros entendimentos do *peso* cinematográfico. Com a introdução de “engenhocas”, o peso da literalidade vai-se tornando cada vez mais absurdo. Primeiro, um espelho que se monta sobre a cabeça do realizador e que se opera com o auxílio de uns óculos invertidos, de modo que Lehman possa filmar-se enquanto filma e atravessa (*carrega*) o mundo, isto é, uma forma de literalizar a referida ideia do rosto como palco de acolhimento e perpétuo movimento caminhante.

A segunda, mais complexa, passa por um exercício *performativo*. Uma câmara acompanha Boris Lehman que *carrega* à cabeça uma série de latas de película. Depois, um homem enverga às costas um sistema de retroprojeção vídeo que exhibe as anteriores imagens. Esse homem-cinema é filmado a *carregar* as imagens de um realizador que foi filmado a *carregar* os seus filmes. A desmultiplicação está prenhe de oposições: Lehman caminha na rua de dia quase sempre de frente para a câmara, mas a imagem retroprojetada só é visível em espaços interiores ou de noite, e o homem-cinema caminha de costas para a câmara que o filma. Dia e noite, exterior e interior, rosto e costas, para diante e para trás, a película e a projeção vídeo, o peso das latas e a leveza do magnético... Aqui tudo é levado à letra, só que entretanto numa lógica de combate. Já não se trata de uma afirmação evidente sobre o cinema enquanto entidade material, mas uma necessidade de afirmação dessa materialidade contra a desmaterialização do vídeo (antecipando a do digital, que estaria por vir). Mas é, assumidamente por Boris Lehman, uma batalha perdida. No fim, já só sobra a imagem-vídeo, sem corpo – literalmente, de novo –, sem contexto, sem fundo, viajando, alada, no escuro, qual “emanação”. O *carregamento* deste Cine-Sísifo libertou-se do seu “peso” e tornou-se puramente virtual.

Ricardo Vieira Lisboa